



O Discurso Simbólico e Cultural de Organizações Espetaculares através da Semiótica Social¹

Caroline Delevati COLPO²
Pontifícia Universidade Católica – Porto Alegre/RS
Feevale – Novo Hamburgo/RS

RESUMO

Esta reflexão busca uma possível compreensão dos discursos simbólicos e da cultura das organizações através da semiótica social. A semiótica social está particularmente preocupada com a produção de significados humanos, como um fenômeno inerentemente social nos seus recursos, funções, contextos e efeitos. Tem-se como pressuposto, para esta análise, que é com base no simbolismo organizacional e na necessidade dos indivíduos se ligarem a imagens que surge as organizações espetaculares dentro de sociedades também espetacularizadas. Diante disto há uma tentativa de analisar através da semiótica social, com o uso das metafunções ideacional e interpessoal, os discursos simbólicos de organizações na possibilidade de ver a sua forma de espetacularização e produção de sentido nos seus atores sociais. Para isto utiliza-se de dois modelos de simbolismo organizacional descritos por Wood, (2001).

PALAVRAS-CHAVE: discursos simbólicos; semiótica social; organizações espetaculares.

¹ Trabalho apresentado no DT 3 – Relações Públicas e Comunicação Organizacional do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica/RS e docente do Curso de Comunicação Social da Feevale. carolcolpo@bol.com.br.



Contextualização

A sociedade do espetáculo se efetivou e depois dela, a sociedade do hiperespetáculo. Dentro do contexto da sociedade do espetáculo as imagens tornam-se referências e todos os complexos desta sociedade passam a usar de imagens para participar do espetáculo sem tempo e espaço definidos. A economia, a política, a cultura, se espetacularizam e por que não haveria de acontecer com as organizações e com seus atores sociais.

As organizações usam da imagem e de seu referencial simbólico para criar um discurso, no qual, os atores sociais integrantes do contexto organizacional, possam se identificar e sintam-se parte do espetáculo organizacional. Surgem modelos de gestão caracterizados pela linguagem simbólica e pela disseminação de imagens.

Nos ambientes organizacionais a liderança é caracterizada pelo uso de símbolos, imagens e retóricas, os ritos de passagens e mitos são empregados de símbolos de identificação, os eventos são criados para alavancar uma imagem construída pela simbologia. Neste emaranhado de símbolos empregado nas imagens é que os atores sociais criam seus significados, uma vez que estes símbolos precisam ser interpretados. É a partir do contexto social e cultural que estes símbolos são gerados e lidos. No caso das organizações espetaculares uma série de símbolos são criados e necessariamente lidos através dos discursos do contexto organizacional.

Na tentativa de refletir como podem ser criados e lidos estes discursos repletos de simbolismo, que criam a imagem de organizações espetaculares, que se propõe a semiótica social como uma forma de compreensão de como podem ser transmitidos e comunicados mitos, valores, lideranças, histórias, entre outras, dentro do contexto organizacional. Para uma delimitação da proposta reflexiva optou-se por trabalhar com duas metafunções da semiótica social: a ideacional, no qual o sistema é representativo e a interpessoal no qual a interação é preponderante, uma vez que se considera a subjetividade dos atores sociais.

Para a aplicação da semiótica social, partiu-se do entendimento do uso do discurso e posteriormente a aplicação das metafunções da semiótica social nos modelos de simbolismo organizacional de Calás e MacGuire (WOOD Jr., 2001, p.34) e como segunda possibilidade a análise e compreensão pelo modelo de Dandridge, Mitroff e Joyce (WOOD Jr., 2001, p.33, 34). Para este entendimento ainda buscou-se referência



em sociedade do espetáculo, simbolismo organizacional, organizações espetaculares e principalmente em semiótica social.

Organizações espetaculares e simbolismo organizacional

A sociedade do espetáculo e do hiper-espetáculo permeia as literaturas das ciências sociais contemporâneas. Debord (2003) explica o espetáculo como uma forma de sociedade em que a vida real é pobre e fragmentada, e os indivíduos são obrigados a contemplar e a consumir passivamente as imagens de tudo o que lhes falta em sua existência real. A realidade torna-se uma imagem, e as imagens tornam-se realidade. A unidade que falta à vida do indivíduo recupera-se no plano da imagem. Enquanto, a primeira fase do domínio da economia sobre a vida caracterizava-se pela notória degradação do ser em ter, no espetáculo chegou-se ao reinado soberano do aparecer. As relações entre os homens já não são mediadas apenas pelas coisas, mas diretamente pelas imagens.

E Baudrillard (2004, p.40) questiona se ainda é possível falar de economia? A atual não tem o mesmo sentido da análise clássica ou marxista. Por que se o motor já não é mais a infra-estrutura da produção material, nem a superestrutura, o que impera é a desestruturação do valor, é a desestabilização dos mercados e das economias reais, é o triunfo de uma economia despida das ideologias, das ciências sociais e da história, de uma economia despida da própria economia e entregue a especulação pura de uma economia virtual despida de economias reais.

Por meio desta economia virtual que hoje as organizações se estruturam e a competitividade se formaliza. Para que esta competitividade se efetive é necessário fluidez nos transportes, comunicações e na circulação de capital. Sendo assim, a dimensão mundial é o mercado e a dimensão fragmentada é a tribo (homens) e o lugar (espaço de cooperação). Neste sentido, tempo (a sucessão de eventos), espaço (lugar material de possibilidades de eventos) e o mundo (síntese de eventos e lugares) mudam juntos e são realidades históricas que devem ser intelectualmente reconstruídas, assim como a economia (SANTOS, 1994). Toda a sociedade é, com efeito, um conjunto econômico, político, social e cultural, situado em um contexto de espaço e tempo dado, neste caso o contexto da globalização.



As organizações encontram-se neste cenário de mundialização e globalização dado, ocupando seu espaço e tempo e ainda tornando-se um dos principais pontos de alavancagem da vida individual. As organizações contemporâneas exercem influência cada vez maior sobre as condutas individuais e na cultura contribuindo desta forma para edificar uma ordem social. Esta ordem social acontece na maioria das vezes no nível do simbólico que facilita a articulação de relações sociais que são tecidas entre os diferentes indivíduos e grupos que compõem a sociedade.

É com base no simbolismo organizacional e na necessidade dos indivíduos se ligarem a imagens que surge o termo “organizações espetaculares”. Nestas organizações a ação substantiva, o seu estado real, esta muito distante da sua imagem, havendo um deslocamento entre práticas organizacionais e a imagem destas práticas, ou seja, há uma manipulação de imagens, considerada uma construção social e operada por grupos de interesse para atender determinados fins. São criados eventos e ações que procuram afetar a percepção e o julgamento das pessoas, no qual a subjetividade coloca a estética como ponto de referência em relação valores filosóficos e científicos. Esta subjetividade é plural, interpreta e re-interpreta continuamente no tempo, no espaço e nos valores, agora globalizados, podendo também ser produzida pelas grandes máquinas sociais.

As organizações se virtualizam, assim como Baudrillard comenta a respeito da economia, no tempo e no espaço, deslocando e distanciando a sua real substância, o que de fato é, a sua realidade, para uma imagem impressa nos seus discursos para a espetacularização. Logo, as organizações se tornam máquinas sociais capaz de produzir ou influenciar na subjetividade dos indivíduos que, de alguma forma, interagem com esta imagem. Tornam-se, como refere-se Debord, a unidade que falta a vida real do indivíduo através da imagem que produz. A produção destes discursos é também uma reprodução do simbolismo que por sua vez faz gerar os seus significados diante da subjetividade de cada indivíduo.

Este nível do simbólico é constituído por símbolos que dependem da integração social, que, por sua vez, esta ligada ao contexto cultural no qual os símbolos são gerados e lidos. A compreensão destes símbolos depende pouco de estruturas racionais e depende muito de formas de interação direta que unem o consciente e inconsciente destes indivíduos (WOOD JR., 2001. p. 30). Com esta conceituação surge o que Wood (2001) chama de simbolismo organizacional referindo-se a aspectos de uma organização



que seus membros costumam usar para mostrar ou tornar compreensíveis os sentimentos inconscientes, imagens e valores inerentes à organização. O simbolismo expressa o caráter, ideologia ou sistemas de valores subliminares de uma organização. Logo o contexto organizacional torna-se um palco de constante interpretação e reinterpretação da imagem através das relações sociais que se estabelecem entre os indivíduos, na maioria das vezes subjetivas, criadas e recriadas por meio de troca de informações entre seus membros.

A organização oferece uma cultura, uma estrutura de valores e de normas, uma maneira de pensar, um modo de apreensão do mundo que orientam a conduta de seus atores sociais. Este sistema se apresenta articulado entre sistema cultural e sistema simbólico. Neste caso Enriquez (1997) afirma que a organização se apresenta como um sistema cultural, simbólico e imaginário, que usa da criação de uma imagem para se espetacularizar.

Sendo assim, a semiótica social torna-se uma forma de compreender com estas organizações usam de toda a simbologia e cultura em seus discursos organizacionais para a produção, criação e re-criação de sentidos na subjetividade dos indivíduos.

Semiótica social

A Semiótica é o estudo dos processos e dos efeitos da produção e reprodução, recepção e circulação de significados em todas as suas formas, usados por todos os agentes da comunicação. Esta baseada numa teoria em que os estudos da linguagem em uso, dentro de um contexto de situação e de um contexto de cultura, é uma abordagem que visa a possibilidade de análise dos vários sistemas semióticos, como é o caso da linguagem verbal, da linguagem visual, da linguagem gestual, entre outras.

O termo linguagem não significa apenas a linguagem humana, mas as várias linguagens naturais e convencionais existentes como recursos comunicativos que existem e se interagem na construção da produção de significados (HALLIDAY, 1994). Desta forma, o uso do conceito de linguagem, inclui além, da linguagem verbal e suas mais variadas formas de comunicação, também a linguagem de outros sistemas semióticos como, por exemplo, a moda, a culinária, as formas, os sons, o espaço ou até a linguagem do silêncio. Neste sentido, pretende-se, nesta reflexão, analisar o simbolismo e a cultura organizacional, através da semiótica social e suas formas variadas de uso das linguagens em discursos de organizações espetaculares.



A semiótica social está particularmente preocupada com a produção de significados humanos, como um fenômeno inerentemente social nos seus recursos, funções, contextos e efeitos. Está também particularmente interessada nos significados sociais construídos pelos diversos sistemas semióticos e práticas semióticas na sociedade contemporânea. Hodge e Kress (1991) argumentam que a semiótica social oferece um estudo sistemático, coerente e compreensivo do fenômeno comunicativo como um todo. Para estes autores, deve-se levar em conta desde estruturas e códigos até a extensão de funções e usos sociais do sistema semiótico, suas complexas inter-relações com a prática social e todos os fatores de sua motivação, suas origens e fins, sua forma e substância. Além disso, consideram o sistema e o produto, os falantes e os outros participantes conectados e em interação em um contexto social concreto.

Desta forma a semiótica social é a ciência que se encarrega da análise dos signos na sociedade, cuja função principal é o estudo da troca de mensagens, ou seja, da comunicação dentro de um contexto social (neste caso as organizações espetaculares). As organizações ao produzirem suas mensagens e textos, ou também entendidas como rede de signos, entrelaçam diversos discursos oriundos de diversas instituições para a produção de relações de poder e dominação. Essas relações são regidas por sistemas logonômicos, ou seja, um conjunto de regras de regulação das funções de mensagens que prescrevem comportamentos semiótico-sociais nos pontos de produção e recepção, determinando quem pode comunicar/receber significados sobre determinados tópicos, em que momento, como e por que razão. Um sistema logonômico é em si um conjunto de mensagens que faz parte de um complexo ideológico (PIMENTA, 2001), podendo ser entendido aqui como um complexo organizacional, ou mais especificamente como simbolismo organizacional na construção de seus discursos.

O conjunto de conhecimentos socialmente construídos de algum aspecto da realidade é o que Kress (1991) chama de discurso. Este autor explica que discursos são construções sociais, na medida em que foram desenvolvidos em contextos sociais específicos, e de formas apropriadas aos interesses dos atores sociais destes contextos (PIMENTA, 2001). Estes discursos vêm sempre imbuídos de mensagens que tem uma origem, uma meta, um contexto social e um propósito. Esta mensagem é orientada para o processo semiótico, que vem a ser o processo social, no qual, o significado é construído e alternado dentro do plano semiótico. Assim pode-se entender a mensagem como alguma coisa que existe fora de si e está ligada ao mundo, sendo seu significado derivado da função representativa. Desta forma, o discurso pode ser considerado uma



forma de espetacularizar a organização, mas levando em consideração que a produção de sentido para este discurso se dá também enquanto um processo passível de gerar possibilidades infinitas de livres associações a partir da subjetividade. Esta produção de sentido é visto como um processo intrínseco, com seu papel sócio cultural dado pelo sujeito ao discurso.

Dentro desta abordagem pode-se comparar a organização de atos individuais, pelo qual o sentido é construído e trocado por sistemas de significantes de poder e solidariedade, com relações entre grupos em uma formação social, no qual, esses sistemas de significantes são essenciais na operação de sistemas governando atos semióticos. Uma série de signos dentro de um grupo define sua versão específica de relações sociais. Os sentidos que esses signos comunicam é um fator importante dentro da ideologia do grupo (AMARAL, 2000).

Tanto para a transmissão de mensagens para os atos individuais, como para as relações em grupos, dentro da teoria da semiótica social, a língua é entendida como parte de um contexto sociocultural, no qual cultura em si é entendida como produto de um processo de construção social. Sendo assim, nenhum código pode ser completamente estudado em isolamento. A língua – falada ou escrita – só pode ser entendida em conjunto com outros modos de representação que participam da composição de uma mensagem. Na semiótica social, sinais são convenções sociais culturalmente dependentes, e constantemente criados e re-criados nas interações pessoais. (DESCARDECI, 2008).

O discurso organizacional pode ser aqui entendido como um recurso semiótico, para fins comunicativos, inserido dentro de um contexto sociocultural, no qual a cultura da organização é entendida como produto de um processo de construção organizacional. A mensagem deste discurso vai ser transmitida através da linguagem e da língua, e permeado pelo simbolismo organizacional, para diferentes sujeitos e estes por sua vez vão construir os sentidos destes discursos por intermédio de relações sociais entre os grupos ou ainda através de seus atos individuais.

Para analisar o discurso de organizações espetaculares e o uso do simbolismo organizacional através da semiótica social, pretende-se utilizar duas metafunções deste sistema semiótico social:

Metafunção ideacional: através da representação possibilita a análise de esquemas de classificação, ideologias e processos. Usa-se a linguagem para representar, falar sobre a experiência no mundo, para descrever eventos e estados, para além das



entidades neles envolvidos. Por outras palavras, os recursos semânticos ideacionais constroem o mundo circundante e o mundo interior. Os fenômenos da experiência são construídos como unidades de significação que podem ser nivelados em hierarquias e organizados em redes de tipo semânticos. As unidades de significação são estruturadas em configurações de funções (papéis) de diferentes níveis na hierarquia. Aqui pode-se entender o discurso organizacional e o simbolismo empregado a ele pelo diferentes níveis hierárquicos da organização, assim como quem o profere através da linguagem.

Metafunção interpessoal: acontece pela interação. Nesta metafunção a linguagem é usada como praxis da intersubjectividade, e como recurso para interagir com os outros, para estabelecer e manter relações com estes, influenciar o seu comportamento, expressar o ponto de vista sobre o mundo, provocá-las ou mudá-las. Aqui percebe-se a forma como o discurso é assimilado por seus receptores e como estes, por sua vez, trocam (interagem) as informações deste discurso a fim de construir seu sentido de significados.

Ao usar a linguagem como discurso, na construção dos significados ideacionais e interpessoais, organiza-se a mensagem de forma a fazer sentido tanto para quem emite como para o receptor. Para a compreensão dos discursos de organizações espetaculares pode ser analisado o slogans, mitos, ritos de passagem, histórias, lideranças, normas, valores, perspectivas, as relações de poder, entre outros, todos embebidos pelo simbolismo organizacional.

Compreendendo o simbolismo e a cultura no discurso da organização espetacular através da semiótica social

Nesta reflexão os discursos serão entendidos como o conjunto de conhecimentos socialmente construídos ou ainda como construções sociais. Os discursos das organizações, crivados por simbolismos organizacionais, podem ser considerados, enquanto os complexos ideológicos, existentes para manter as relações de poder e solidariedade e representar a ordem social servindo simultaneamente aos interesses do dominador e do dominado. Neste sentido percebe-se a metafunção ideacional uma vez que estes discursos representam uma forma de expressar a ideologia organizacional tanto no que diz respeito ao seu mundo externo quanto ao seu mundo interno, com a finalidade de espetacularizar. Sendo assim, tem-se o discurso das organizações (dado) e



o espetacular (novo), ou seja, a substância da organização, sua realidade como o dado existente e a imagem espetacular como o novo do discurso organizacional.

Já os sistemas logonômicos, ou neste estudo os contextos organizacionais, implicam uma teoria da sociedade, uma epistemologia e uma teoria das modalidades sociais, uma vez que a interação se faz presente. Neste sentido percebe-se a metafunção ideacional, na qual a interação prescreve comportamentos semiótico-sociais nos pontos de produção e recepção das mensagens dos discursos. Como os complexos ideológicos, os sistemas logonômicos refletem contradições e conflitos nas formações sociais e têm uma estrutura que consiste de regras gerais expressando a dominação do dominante associada à alternativas que reconhecem a oposição do subordinado. Neste sentido faz-se presente a subjetividade na sua pluralidade, no qual a interação dos sujeitos pode determinar a situação de dominado ou dominante dentro do contexto organizacional.

O discurso oficial das organizações procura disseminar imagens de coordenação, estabilidade e coerência. Entretanto, coerção, barganhas e conflitos de interesses formam uma realidade não assumida, mas responsável por disfunções e pela constante subversão de objetivos.

A primeira possibilidade de análise do discurso e da cultura da organização espetacular através da semiótica social pode acontecer pelo modelo de Calás e MacGuire (WOOD Jr., 2001, p.34). Para as autoras, as redes organizacionais constituem estados instáveis mantidos por relações de poder e ações simbólicas, cujos sistemas de significados (subjetividade) são constantemente construídos e destruídos. Este processo de mudança cultural e de renovação de valores, no entender delas é político. Morgan (2000) reconhece que as organizações podem ser intrinsecamente políticas, no sentido que devem ser pensadas maneiras de criar ordem e direção entre as pessoas, pois estas desenvolvem interesses diversos e muitas vezes conflitantes dentro da organização. Esta forma de criar ordem e direção pode alterar a cultura e os valores das organizações. Dentro deste contexto político organizacional pode-se perceber a metafunção ideacional, uma vez que traz consigo a representação da ideologia da organização com a ordem e direção política, e da metafunção interpessoal uma vez que os efeitos das ações políticas podem causar várias interpretações de significados, através das diferentes possibilidades de interação entre os sujeitos, repercutindo assim pela subjetividade de cada um e na subjetividade de cada um.



Para construir este modelo as autoras partem de seis atividades simbólicas e de poder, cuja análise, segunda elas, desvenda a organização.

- Primeira função - distinção: a procura pelo grupo, da construção da identidade simbólica por meio de rituais, geração e adoção de mitos e cultivo de histórias.

A linguagem usada aqui deve ser clara e objetiva, mas também, sensibilizar. O discurso organizacional do rito de passagem deve servir de alimento para o imaginário do trabalhador para que ele possa construir a sua identidade simbólica com base na simbologia da organização. Percebe-se aqui a metafunção ideacional pela representação da organização no imaginário, mas também a metafunção interpessoal pela necessidade de interação entre os sujeitos, e sujeitos e organização, levando em consideração suas culturas e os contextos internos e externos.

- Segunda função - comunicação: troca constante de mensagens e seu compartilhamento de significados entre os membros.

A comunicação nas organizações é permeada por símbolos que afetam a percepção e a interpretação dos indivíduos. Logo a comunicação é processo pelo qual toda a simbologia de uma organização é transmitida. Assim, quanto maior a intensidade simbólica transmitida nas mensagens, maior é a textura organizacional, pois maior é o compartilhamento de significados dos sujeitos. Neste caso a metafunção interpessoal se faz mais presente pela interação entre os sujeitos. A linguagem é usada como prática da intersubjetividade estabelecendo e mantendo relações entre os sujeitos, influenciando e mudando o seu comportamento. Define-se aqui como o discurso deve ser transmitido e assimilado pelos receptores para construir a imagem organizacional espetacular.

- Terceira função - tomada de decisão: a existência de padrões de procedimentos para geração de cursos de ação.
- Quarta função - autoridade e liderança: que ocorre por meio de um processo de mútua estimulação entre os líderes e liderados, que inclui a manipulação de símbolos.

A terceira e quinta função podem ser analisadas juntas, uma vez que a metafunção ideacional é a forma de semiótica social mais apropriada neste caso. Tanto na ação de tomada de decisão, quanto na autoridade e liderança da organização o que se faz presente é a representação da ideologia e do poder da organização. Os discursos são construídos como unidades de significação que são estruturadas em configurações de



funções (papéis) de diferentes níveis na hierarquia que no contexto organizacional identificados pela tomada de decisão, autoridade e liderança.

- Quinta função – ideologia: formada pela integração orgânica de mitos, normas e valores.

Quando se fala na ideologia organizacional transmitindo normas e valores pensa-se na metafunção ideacional, pois a organização se representa através destes mitos que estão construídos por simbologias. Entretanto, a metafunção interpessoal também se faz presente uma vez que estes mitos, normas e valores só se efetivam na interação entre os sujeitos, para que, com a simbologia que carregam, possam interferir na sua subjetividade.

- Sexta função - a socialização: por intermédio da promoção de cerimônias freqüentes para manter o sistema vivo.

Nesta sexta função de socialização percebe-se a metafunção interpessoal, uma vez que só a interação entre os indivíduos organizacionais é capaz de socializar. Entretanto, dentro dos contextos organizacionais algumas formas de socialização acontece em momentos específicos, definidos pelas lideranças da organização e nestes momentos específicos, pode-se perceber a função ideacional uma vez que constroem o mundo circundante e o mundo interior da organização como um sistema vivo.

Todas estas atividades simbólicas interagem entre si, ou seja, as diferentes metafunção da semiótica social acontecem simultaneamente em vários discursos e locais e de forma integrada dentro do mesmo contexto organizacional com a finalidade de efetivar o simbolismo organizacional. Não são excludentes, nem segregadas.

A segunda possibilidade de análise da semiótica social da organização espetacular pelo seu discurso simbólico e sua cultura se dá através do modelo de Dandridge, Mitroff e Joyce (WOOD Jr., 2001, p.33, 34).

- Função descritiva: acontece pelo simbolismo verbal – mitos, lendas, histórias, slogans, credos, piadas, rumores e denominações.

É através do simbolismo verbal que as organizações constroem e solidificam a sua cultura. Aqui se percebe a saliência da metafunção interpessoal, não em detrimento da metafunção ideacional, pois toda a linguagem verbal deste simbolismo se efetua pela interação entre os sujeitos. A linguagem é usada como praxis da intersubjetividade, e como recurso para interagir com os outros, para estabelecer e manter relações com estes, influenciar o seu comportamento, através de lendas, histórias e mitos da organização.



- Função de controle de energias: inspira membros (atrai recrutas, repele outsiders), facilita re-experiência de sentimentos, reduz a tensão, provê válvulas de escape – acontece pelo simbolismo de ação (rituais, festas, ritos de passagens).

Aqui percebe-se a forma como o discurso, carregado de simbologismo, é assimilado por seus receptores e como estes, por sua vez, trocam (interagem) as informações deste discurso a fim de construir seu sentido de significados. A metafunção interpessoal também se sobressai sobre a metafunção ideacional, uma vez que a interação pelo discurso é fundamental, levando em conta que a interação não é apenas uma comunicação face a face, mas um fenômeno cultural, marcado por códigos e rituais sociais.

- Função conservadora do sistema: provê coerência, ordem e estabilidade, integra e diferencia, provê guias para padrão de mudança – acontece pelo simbolismo material (símbolos de status, logotipos, prêmios, bandeiras).

Nesta função a metafunção ideacional prevalece, pois todo o simbolismo material é criado como forma de representação da organização a fim de se espetacularizar. Usa-se a linguagem para representar a experiência no mundo, para descrever eventos e estados. Por outras palavras, os recursos semânticos ideacionais constroem o mundo circundante e o mundo interior nas organizações.

Com esta reflexão percebe-se uma infinita possibilidade de recursos semióticos que podem ser utilizados pelas organizações em seus discursos a fim de que a sua imagem se torne espetacular, assim como o próprio discurso pode se tornar um recurso semiótico. Entretanto, deve-se salientar que a imagem, muita distante da ação substantiva e das práticas reais da organização, podem causar impacto negativo, uma vez que para a espetacularização das organizações a subjetividade dos atores sociais é elemento de extrema relevância, pois a imagem se constrói tanto na representação, mas principalmente, na interação destes sujeitos. Sendo assim, faz-se necessário um equilíbrio nos usos e interpretações das metafunções ideacionais e interpessoal do discurso, muitas vezes simbólicos, das organizações.



Considerações

As organizações oferecem uma estrutura de valores e normas, uma maneira de agir e pensar, um modo de apreensão do mundo que orienta a conduta de seus diversos atores sociais. Nesta estrutura se articulam, de forma coincidente, um sistema cultural e um sistema simbólico, no qual todo o seu discurso se desenvolve.

As organizações pré-modernas desenvolviam este sistema cultural e simbólico, muito próximos. A realidade da organização e sua imagem estavam claramente ligadas. Nos ambientes organizacionais contemporâneos a ação substantiva esta dando lugar a construção de uma imagem que se deslocada da sua realidade. Para a construção desta imagem há uma manipulação do simbolismo da organização. Esta reflexão procurou entender através da semiótica social como está sendo usado o simbolismo nos discursos das organizações com a finalidade de espetacularizarem.

Desta forma, percebe-se que quanto mais uma organização se espetaculariza mais uso de recursos simbólicos ela faz na manipulação de sua imagem. Isto faz o surgimento de um paradoxo: ao mesmo tempo em que procura se sedimentar na complexidade da sociedade globalizada através de uma imagem abre espaço também para todo tipo de manipulação de imagem e simbolismo que pode não ser interpretada de forma positiva, uma vez que a interação (conforme metafunção interpessoal) é preponderante na forma de apropriação de significados e da constituição da subjetividade dos indivíduos.

Vale salientar que as organizações sempre tiveram seus sistemas culturais e simbólicos, afirmando seus valores e dando sentido à ação de seus membros, mas em tempos de concorrência e virtualização da economia e da política, estas organizações tratam de construir sistemas simbólicos e culturais fortemente empregados em suas diferentes formas de discursos com a finalidade de modelar os pensamentos e induzir comportamentos adequados e indispensáveis para sua dinâmica. Desse modo, a organização consegue tornar-se uma marca espetacular sobre o pensamento dos seus atores sociais com o uso de recursos semióticos.



REFERÊNCIAS

- AMARAL, S. M. **Alicerce semiótico visando o respeito à autonomia de leituras**. In: IV Congresso Nacional de Linguística e Filologia. 2000, Rio De Janeiro. Iv Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2000.
- BAUDRILLARD, Jean. **A transparência do mal**. Campinas, SP, Papirus, 2004.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Contra ponto editora, 2003.
- DESCARDECI, Maria Alice. **Ler o mundo: através da semiótica social**. UFMG, 2008.
- ENRIQUEZ, Eugene. **A organização em análise**. Petropolis, RJ: Vozes, 1997.
- HALLIDAY, M.A.K. **Introduction to Functional Grammar**. London: Arnold. 1985, 1994
- HODGE, Robert; KRESS, Gunther. **Social Semiotics**. Ithaca, New york : Cornell University Press, 1991.
- MORGAM, Gareth. **Imagem das organizações**. São Paulo, Atlas. 2000.
- PIMENTA, S. M. O. **A Semiótica Social e a Semiótica do Discurso do Livro Reflexões sobre a Análise crítica do Discurso**. In: Magalhães, Célia. (Org.). 1 ed. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- SANTOS, Milton. **Técnica, espaço e tempo**. Editora Hucitec. São Paulo, 1994
- WOOD Jr. Thomaz. **Organizações espetaculares**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2001.